

## O PÓS-SIONISMO NA OBRA DE YEHOSHUA KENAZ – “INFILTRAÇÃO” (HITGANVUT YEHIDIM)

ELIANA LANGER

### Resumo

*Nesse trabalho apresento o escritor israelense Yehoshua Kenaz que, em sua obra, ainda não traduzida para o português, aborda diversos aspectos da sociedade israelense. Uma de suas obras mais significativas é o romance “Infiltração”. O olhar do autor se volta para os anos cinquenta e focaliza uma unidade especial do exército onde pessoas com limitações físicas cumprem seu serviço militar. Essa obra apresenta questões importantes sobre o processo cujo início poderia ser vislumbrado já na metade dos anos cinquenta, quando começaram a ser ouvidas as primeiras vozes que se levantavam a favor dos valores individuais, em prol do indivíduo e a tensão crescente entre o sentimento do coletivo nacional e o indivíduo.*

**Palavras chave:** Literatura Israelense; Pós-sionismo e Literatura; Tradução literária.

### Abstract:

*The aim of this work is to present the Israeli writer Yehoshua Kenaz. In his work, not yet translated into Portuguese he focuses several aspects of the Israeli society. One of his most significant works is the novel “Infiltration”. The author looks towards the fifties and focuses on a special military unit where handicapped young men accomplish their military duties. This novel raises important questions about a process whose beginning might be perceived in the middle of the fifties. Then, voices could be heard in favor of individuals’ values, and the increasing tension between the national collective feeling and the individual.*

**Key words:** Israeli Literature; Post Zionism and Literature; Literary Translation.

Yehoshua Kenaz é um dos romancistas israelenses importantes da atualidade. Nasceu no ano de 1937, na cidade israelense de Petah Tikva. Estudou filosofia e línguas românicas na Universidade Hebraica de Jerusalém. É tradutor para o hebraico de autores clássicos franceses.

Seus livros foram traduzidos para diversas línguas e publicados em diversos países. AB Yehoshua, amigo de Kenaz, ao tratar da obra do escritor, coloca-o no centro de um triângulo cujas faces são diferentes. Ele aponta para três criações de Kenaz que estariam entre as mais belas escritas da literatura israelense recente: *Momento Musical* (*moment muzicali*) – coletânea de histórias da infância e da adolescência, *Infiltração* - um longo romance que se passa nos anos cinquenta sobre um grupo de soldados no período de treinamento, e *Indo a caminho dos gatos* (*badereh el hahatulim*) - um romance existencialista sobre a solidão de uma velha senhora. No centro dessas obras está um escritor atento, cuidadoso, rigoroso em sua formulação e em suas descrições.

A obra de Kenaz revela a vida israelense através da elaboração rigorosa de cada frase e de cada palavra, com um humor silencioso e uma ironia aguda, além da visão realista e paradoxal dos personagens e das situações. Sua escrita é penetrante e cruel, contudo, misericordiosa e empática.

A obra de Kenaz me chamou a atenção pela maneira como seus personagens se expressam. Eles se revelam através do discurso de seu grupo ou de sua comunidade através de uma língua peculiar. O realismo desse discurso dá voz a uma visão de mundo e economiza descrições. A linguagem compõe, juntamente com o humor e a ironia, o tecido da obra, e faz com que problemas sociais e pessoais sérios, num primeiro momento, pareçam ridículos e cômicos, apesar de serem cruéis. O autor consegue criar uma escalada do cruel ao cômico provocando no leitor o efeito do riso que sufoca e que embarga.

O hebraico dita um ritmo interno próprio e uma ressonância bíblica e a habilidade do escritor com as palavras é um fato a ser registrado. Alguns de seus livros foram escritos em níveis diferentes de hebraico criando o efeito polifônico que marca o estilo do autor. O “hebraico normativo” e as distintas vozes do hebraico aparecem na mesma medida em seu texto literário. A precisão na escolha da palavra certa, simples e usual imprime um tom em sua escrita que sempre é uma questão instigante e um desafio para seu tradutor. Alguns tradutores tentaram reproduzir o discurso variado dos personagens e não conseguiram. Algumas traduções foram criticadas por isso. Elas criaram um arremedo desse discurso, algo que soou como erros grosseiros.

A escrita polifônica da obra de Kenaz cria o efeito de enredos paralelos, nos coloca no meio da sociedade israelense e revela com humor e com ironia personagens em seus dramas diários e situações de convivência difíceis: cada personagem conta a sua história em seu ambiente e, como na música, o registro é trocado a cada mudança de ambiente.

*Infiltração*, obra que focalizo nesse trabalho, publicada pela primeira vez em 1986, é considerada como uma das mais importantes escritas em Israel nas últimas décadas; o romance reúne numa base militar soldados com limitações físicas, representantes da sociedade israelense dos anos cinquenta, e dá voz a esses jovens de origens e formações bastante diferentes: sefarditas e ashquenassitas, sobreviventes do holocausto e *kibutsnikim*, religiosos e seculares que foram atirados num cadinho para serem fundidos, pelo bem de uma nação em construção.

O romance foi escrito em meio ao debate sobre as ações militares israelenses no Líbano. Kenaz lança seu olhar numa experiência militar passada, anos cinquenta, cujos protagonistas não chegam nem perto de serem heróis militares, ao contrário de seus pais que na então, recente, Guerra da Independência, saíram vitoriosos. Através deles Kenaz questiona a glória e o sacrifício imbuídos na auto-percepção militar de Israel. Nessa obra, Kenaz apresenta um “sabra” que se constrói a partir da liberdade. O escritor cria a imagem do “sabra” justamente no momento em que o este está deixando de ser o foco central da literatura israelense.

A literatura em geral trata do “sabra” através de duas imagens diferentes: o “sabra” mitológico - o jovem israelense novo que aparece como uma antítese do judeu diaspórico; e o “sabra” anti-herói - imagem que destrói a mitológica, diminuindo a grandeza e a beleza de sua época. É o anti-herói que temos nessa obra de Kenaz.

Apesar da fraqueza física de seus personagens, Kenaz coloca à prova a imagem séria do sabra em sua caminhada, em seu comportamento e em sua sorte no período próximo do ideal mitológico – anos cinquenta, a data do desenrolar do enredo – e também nos anos oitenta - período de escrita do romance. Na década de 1980, o tratamento passa da problemática coletiva, da responsabilidade para com problemas centrais da sociedade e do espírito, para o indivíduo. Isso reflete as transformações que aconteceram na sociedade israelense e no espírito dos tempos. Acontece uma mudança dramática depois da guerra de *yom kipur* e a sociedade se apresenta como uma coleção de indivíduos.

Em seu livro *Infiltração*, dentre outras coisas, o autor trata da falta de idealismo dos novos imigrantes e do exército que os humilha. Trata-se de um livro sobre uma realidade histórica pós-sionista e não de uma crítica social e política sobre o que acontece em Israel. Uma das qualidades, desse escritor é relatar e descrever, de forma precisa e contundente, situações e sensações, apresentando a realidade sem críticas ou questionamentos. Nessa obra, Kenaz descreve o processo cujo início poderia ser vislumbrado na metade dos anos cinquenta, quando começaram a ser ouvidas as vozes que se levantavam a favor dos valores individuais, em prol do indivíduo e a tensão crescente entre o sentimento do coletivo nacional e o indivíduo.

Interessante notar que a aceitação do romance *Infiltração* pelos críticos e leitores se deu em duas ondas. A primeira onda, bastante desfavorável, aconteceu logo que o livro foi publicado e apresentou uma lista de críticas, algumas delas bastante ácidas que, além de apontar ‘falha

estrutural' (narrador polifônico), criticavam a extensão do livro, a quantidade de diálogo, a falta de precisão, etc.. Mais tarde, veio a segunda onda que valorizou o livro, então, tanto a imprensa literária quanto os leitores passaram a elogiar o romance.

Segundo Dror Mish'ani, jornalista e crítico literário, a mudança política despertou a necessidade de se modificar a forma de a crítica ler esse romance, e aquilo que era chamado de "falha estrutural" passa a ser considerado pela teoria literária, como uma vantagem.

A crítica passou da leitura nacional que tenta borrar o conflito que compromete o estabelecimento da identidade, para a leitura que promove, com prazer, um conflito como esse, apontando para a possibilidade de tornar transparente a realidade multi-cultural da sociedade israelense. Dessa forma, sempre que a fragmentação se faz visível, essa nova forma de "leitura" aponta o processo imaginário de uma comunidade israelense homogênea, ou seja, de um "nós". O romance deixa de ser a história social, de alguém que é "um de nós" e passa a mostrar os fragmentos físicos ou sociológicos dos quais são compostos tanto o "nós" quanto o "eu".

A obra *Infiltração* chama a atenção dos críticos por se tratar de um campo de treinamento para soldados não combatentes, isto é, pessoas com limitações físicas. No contexto da Nova Literatura Hebraica o anti-herói já aparece na escrita de escritores consagrados como Agnon, Amós Oz e A. B. Yehoshua, no entanto, sua inovação está na apresentação do microcosmo da sociedade israelense – fazem parte do elenco de personagens jovens de *moshavim*<sup>1</sup>, estudantes de elite, *mizrahim*<sup>2</sup> das *maabarot*<sup>3</sup>, sobreviventes do holocausto e até mesmo um ex-ortodoxo.

Dror Mish'ani diz também que a questão da recuperação física é usada pelo autor, talvez para tecer um comentário irônico sobre a meta-narrativa sionista. É do lugar onde a voz sionista imagina uma transformação física que Kenaz expressa a negação do corpo na tentativa de seus heróis transcenderem sua fisicalidade.

O pai de um dos recrutas, já enfraquecido em sua velhice, numa conversa com filho que vem para casa num final de semana livre, nega o corpo, e despreza o físico:

*Quando eu escuto a palavra "amigo", e a palavra "amizade", eu logo penso em Montaigne. Eu tenho de pensar nele. Muitas vezes pedi para você ler seus ensaios. Mas você jamais quis. Eu não sei – alguma coisa te assustou. Ou talvez você se recusasse de tanto que eu te pedi. Você tem que ler Montaigne. Todos têm que ler Montaigne uma vez na vida. Em vista da experiência de amizade que ele conheceu, os laços comuns entre as pessoas, aquilo que na língua corrompida de vocês se chama amizade – parece miserável e digno de pena, ou então um deboche. A amizade de que Montaigne fala é uma sublime união entre dois seres humanos, uma espécie de pacto espiritual supremo. É a coisa real, um ato de graça, um presente de Deus para uns poucos eleitos...*

*Amor que é todo espírito, alma pura; amor que não é dependente da carne. Ele nada tem a ver com o prazer sexual. Não há altos e baixos porque não está sujeito ao tempo. A juventude, a idade, a beleza, a feiúra, não o atinge... (Pg. 251)*

Seu filho, no entanto, interpreta em termos políticos as palavras do pai sobre uma vida além do corpo – desapontamento e melancolia – *Como um exilado ele vive conosco, sentindo saudades de sua pátria perdida a qual jamais terá o privilégio de ver.* (Pg. 252)

<sup>1</sup> Sistema israelense de assentamentos cooperativos agrícolas.

<sup>2</sup> Judeus oriundos da África do Norte

<sup>3</sup> Nome dado ao conjunto habitacional provisório de Israel, construído no início dos anos cinquenta. Serviu de absorção temporária das grandes imigrações.

A tentativa de negar o corpo de transcender qualquer coisa que trata do concreto ou da existência é expressa também por Alon, um herói trágico. Alon é um kibutsnik que incorpora aquele “o Homem Novo, o Outro Lugar”, um lugar utópico onde o judeu valoriza seu novo ser. Alon carrega sempre consigo a foto do pai, uma lembrança constante da morte heróica na batalha de 1948. Alon acredita na importância do exército e lamenta a decadência do país.

*A guerra continua o tempo todo”, diz Alon, mas cada vez menos gente quer lutar. Os problemas do país não mudaram, seu sonho não mudou. Hoje em dia se prefere simplesmente fazer carreira, viver confortavelmente, ganhar dinheiro. E que outros façam o trabalho sujo, que outros derramem o seu sangue. (pg. 409)*

A figura de Alon suscita pensamentos sobre o perfil de uma sociedade que se apressou em transformar um *ethos* esplêndido que se consolidou no período de sua fundação em um mito ridículo. Ele próprio é visto como alguém que deveria estar em outro lugar e não num campo de treinamento para inválidos, mas Alon tem um corpo que é “imperfeito”, de impossível recuperação ou renascimento. E esse corpo sabotagem a possibilidade de realizar os sonhos de Alon, que é a transcendência:

*Somente Alon, que realmente lamentava o acontecido, seja por conta da simpatia que sentia por Avner ou por seus princípios militares sugados de outro lugar, aproximou-se dele e bateu em seu ombro para animá-lo:*

*“Você tem sorte disso não ter te acontecido nos pára-quedistas”, disse Alon, “ali, não se contentariam com um julgamento. Ali você seria vergonhosamente expulso da Unidade”...*

*E Alon acrescentou tristemente: “nos pára-quedistas uma coisa dessas não aconteceria. Nenhum pára-quedista adormeceria durante a guarda e não descuidaria de sua arma. Porque lá tudo é sério, tudo é de verdade! E aqui, tudo é de brincadeira. Brinca-se de soldado. Nisso, nem os oficiais são melhores do que os soldados”. (pg. 53/54).*

No final do romance, Alon comete suicídio, pois sua aspiração de superar o defeito de seu corpo não se concretiza e ele se recusa continuar a viver com seu corpo doentio junto a um grupo de inválidos que habitam o lugar real, o “aqui e agora”.

Trata-se de um romance bastante longo dividido em quatro partes, cada qual dividida em números diferentes de capítulos:

1. Sopro Cardíaco
2. Noite do Perdão<sup>4</sup>
3. Infiltração
4. O ruído dos canhões

O nome do livro em hebraico é também o nome da terceira parte do livro e se refere a um exercício que cada indivíduo deve se submeter no final de um período de treinamento – simulação de penetração em território inimigo. O êxito na execução desse exercício é uma questão central para os jovens militares e nesse romance esse ritual recebe um tratamento alternativo. Kenaz, ao invés de descrever simplesmente o exercício militar, foca as consequências psicológicas do crescimento pessoal dos soldados. Nesse prisma, o cenário militar que era carregado de significado nos anos de fundação de Israel, emerge como uma força alienada e destrutiva na vida desses jovens. Esses soldados que habitam o romance se deparam com a tarefa de alcançar a coexistência pacífica consigo e com o mundo que os circunda. Eles devem, apesar do cenário militar opressivo,

---

<sup>4</sup> Referência a uma série de orações proferidas em determinadas épocas do ano. Essas orações referem-se à memória do Templo Sagrado destruído e ao pedido de redenção, manifestam arrependimento, pesar por atos cometidos e, pedido de perdão.

compreender e fazer as pazes com os caminhos contraditórios que fornecem para cada soldado sua singular identidade.

O autor cria um elenco de personagens cujas identidades são formadas através do contato de uns com os outros, e aproxima o leitor de cada soldado tanto em seu cenário civil quanto em seu cenário militar.

---

### **Referências Bibliográficas:**

Mishani Dror: *Lost Homeland: On the Portrait of the “Mizrahi” in Yehoshua Kenaz’s Novel “Infiltration”*. In: *BGU Review, A journal of Israeli Culture*. Spring 2005 (Internet)

\_\_\_\_\_: “*behol hainian hamizrahi iesel eize absurd*” – Ed. Am Oved, Tel Aviv, 2006.

Avira Hanna: “*hitganvut yehidim*” leYehoshua Kenaz – ve Don Kishot – Israel, Departamento de Ensino e Secretaria Pedagógica – Repartição de Planejamento e Desenvolvimento de Estudos. (Internet)

Kenaz Yehoshua: “*hitganvut yehidim*” – Am Oved Publishers Ltd., Tel Aviv, 1986.